



ORELHADA

Rubens Herbst



rubens.herbst@an.com.br (47) 3419-2177. Leia o blog Orelhada em AN.com.br • twitter: @orelhada

HUMORISMO BEM RESOLVIDO

Ele pode ser pequeno, mas você já deve tê-lo visto em algum programa de TV (ou em vídeos que abundam no internet, Leonardo Nuñez de Miranda Reis é desses humoristas que sabem fazer piada com a própria condição e por meio da graça acabam revelando um pouco da rotina de pessoas iguais a ele. Anão, ele começa a autoironia pela nome artístico, Gigante Leo, segue pelas apresentações de *stand-up comedy* que lhe deram fama e descamba no recém-lançado livro “O Grande Livro dos Anões – a Maior Obra já Feita Sobre Esse Pequeno Assunto” (Matrix Editora), no qual relata, em tom bem humorado, curiosidades e roubadas a respeito das “pessoas verticalmente prejudicadas”. Não, esqueça o termo politicamente correto. Ele prefere ser chamado mesmo é de anão, nunca teve complexos com a altura e nem foi tratado como “coitadinho” pela família. “Na minha cabeça, o preconceito está muito mais dentro da própria pessoa do que no mundo externo”, garante. Como se percebe, ele fala sério nesta entrevista à coluna.

Virar comediante foi uma forma de superar limitações ou de se destacar? Ou você sempre foi o piadista da classe?

Gigante Leo – O humor é um estado de espírito. Sempre fui uma pessoa de bem com a vida e brincalhona. Já que rir é o melhor remédio, sempre tentei encarar os meus problemas de forma bem-humorada. Sendo assim, dificilmente nas conversas onde estou não rola uma brincadeira ou uma piadinha.

Serem contadas por um anão torna as piadas de anão mais engraçadas?

Gigante Leo – Provavelmente, algumas situações contadas e encenadas por mim facilitam a imaginação da pessoa e tornam a piada mais engraçada. Mas não basta ser anão para ser engraçado, é preciso um bom texto e as qualidades necessárias a qualquer outro humorista.

Final, ser anão traz alguma vantagem sobre outros comediantes?

Gigante Leo – Sim e não. Claro que, pelo fato de ser anão, a plateia costuma me acolher de uma forma diferente. Uma mistura positiva de acolhimento e curiosidade, mas que, se em seguida não for confirmada com uma boa apresentação, perderá o interesse como qualquer outro artista. Não é pelo fato de você ser anão que necessariamente será engraçado. Mas creio que talvez o fato de ser anão traga mais desvantagens do que vantagens, pois no Brasil os anões ainda estão muito estigmatizados no papel de palhaço de circo e humor pastelão. Minha proposta de trabalho, tanto no *stand-up* quanto no livro, é justamente

quebrar esse paradigma. Nada contra quem faça esse tipo de humor, mas quero mostrar que existem outras possibilidades de ser humorista, onde o fato de ser anão é apenas um detalhe.

Qual a sua opinião sobre esse, digamos, stand-up de gênero (anão, gordo, cego)?

Gigante Leo – O gênero *stand-up* fala do cotidiano geral e também do cotidiano do humorista. Sendo assim, quando o humorista tem características marcantes, como anão, careca, gordo, afrodescendente, asiático, invariavelmente irá abordar esse assunto em seu *stand-up*. Mas isso não o obriga a falar apenas desse universo. No meu próprio texto de *stand-up*, abordo outros assuntos que não estão relacionados apenas ao universo dos anões.

Você diz que é possível fazer humor sobre anões sem apelar pra clichês...

Gigante Leo – Primeiramente, um anão pode fazer qualquer papel cômico ou dramático sem fazer referência à sua estatura. Eu mesmo já fiz personagens cômicos, como o Mestre Jacques, da peça “O Avarento”, de Molière, em que a graça estava no contexto da peça, e não no fato de eu ser anão. Não apelar para clichês é fugir de lugar-comum já pré-estabelecido sobre o humor com anões. Assim como também pode-se escrever várias situações cômicas com anões, muitas delas reais do dia a dia, que fogem de clichês clássicos de Branca de Neve e

palhacinhos.

Muito do que você relata no livro de fato ocorreu. Qual a história mais bizarra que você já passou?

Gigante Leo – Sim, muitos fatos são verídicos, mas outros são baseados em alguma situação que foi aumentada ou puramente inventada. Acho que a história mais bizarra foi a do meu exame admissional, onde a primeira pergunta que a médica me fez foi: “Leonardo, o senhor já nasceu assim?”. Uma pessoa leiga ainda poderia ser compreensível, mas uma médica... Foi cômica a situação.



PAULO ROBERTO LOPES, DIVULGAÇÃO

CANIBAL PRODUÇÕES, DIVULGAÇÃO



Prato do dia

Quando na sexta-feira veio a informação de que o senador americano por trás do Sopa – proposta de lei que pretendia combater a pirataria online com sérias restrições à internet – retirou temporariamente o projeto de tramitação, já era tarde: Petter Baiestorf já havia tomado uma atitude. O protesto anticensura do cineasta de Palmitos veio na forma da oficialização por parte dele de links que ofertavam download gratuito de seus filmes – coisa, aliás, não muito comum, apesar da extensa produção do diretor, nacionalmente conhecido por seus títulos *trash*. É a pirataria abençoada pelo autor. O carimbo tá no canibuk.wordpress.com, onde Baiestorf explica a iniciativa e bota na roda cinco de seus filmes, entre eles, “Zombio” (1999, foto), “O Monstro Legume do Espaço 2” (2006) e “Arrombada” (2007), autênticos registros do audiovisual de guerrilha feito a mão.

HISTÓRIA

Passa no blog e acesse o link que o levará para o De Trópicos ao Underground, página virtual criada pelo músico Domingos Longo pra resgatar a história do Underground Bar, em Floripa. Importante reduto da cena alternativa catarinense, o Bar do Frank deixou de funcionar no começo da década passada.

VACAS

Entramos na última semana da Cow Parade em Santa Catarina, por isso, aproveite estes últimos dias pra prestigiar as simpáticas obras bovinas espalhadas por sete cidades do Estado. Em Joinville, há uma no Shopping Mueller e outra no Joinville Garten Shopping.



ESSE CARTÃO É
UM ESPETÁCULO

Informações:
47 3419.2020
(Joinville ou celular)
ou
0800 475454
(Demais regiões)

